



Conservação Urbana e territorial Integrada. Reflexões sobre salvaguarda, reabilitação e gestão de Centros Históricos em Portugal

Francisco Queiroz e Ana Margarida Portela

Edição: Livros Horizonte

Lisboa, 2008

204 págs., ilustrações a preto e branco, 17 x 24cm

ISBN: 978-972-24-1597-2

Os autores de “Conservação Urbana e Territorial Integrada” pretendem alertar o público para um tema de grande actualidade, sobre o qual existe escassa produção bibliográfica no nosso país. Ao basearem o seu trabalho nas reflexões decorrentes da sua prática profissional enquanto consultores de diversas entidades na área da gestão e reabilitação de centros históricos e formadores na Escola Superior Artística do Porto, fazem-no em tom irreverente e perfeitamente conscientes da polémica que podem suscitar muitas das suas críticas e conclusões. Aliás, o facto de se tratar de uma obra que pretende a “ruptura de procedimentos manifestamente inadequados” (p. 8), face aos consensos prevaletentes neste domínio, é desde o início assumido sem quaisquer complexos.

O livro articula-se em redor de três partes estruturantes: a primeira, dedicada à conservação urbana territorial integrada, inclui uma análise crítica sobre o caso do centro histórico do Porto; a segunda, na qual os autores expõem um caso de estudo relacionado com o possível impacto da Escola Superior Artística do Porto na revitalização comercial na sua área de implantação; e por último, uma terceira, onde são abordadas as singularidades do centro histórico de Vila Nova de Gaia, as problemáticas decorrentes da presença de elementos rurais em núcleos históricos que hoje se encontram em áreas suburbanas, terminando com uma discussão sobre a legitimidade da permanência da habitação social em centros históricos.

Numa tentativa de clarificação da noção de restauro urbano integrado, os autores fazem um esforço por explicitar, logo no primeiro capítulo, as suas definições de reabilitação e de requalificação, calibrando a sua análise com referência às definições emanadas de entidades internacionais, como o ICCROM.

Partindo do conceito alargado de conservação urbana integrada como actividade direccionada para a conservação do edificado histórico consolidado - mas que não se esgota aí - e que se deve constituir, antes de mais, como acção que tenha em conta valores do território ambiental/paisagístico, social e económico onde se insere o seu objecto de estudo (a preservação de todos estes valores transcende o âmbito restrito do mero restauro arquitectónico), os autores debruçam-se sobre diversos dilemas relacionados com a formação académica nesta área, com os perfis profissionais dos principais intervenientes,

sobre a falta de qualificação de equipas que deveriam ser pluridisciplinares e que na realidade não o são (por continuarem dominadas pelo arquitecto sem especialização), avançando algumas soluções no sentido de tentar colmatar lacunas que consideram graves. Assim, e como resposta ao problema da formação, bem como ao dos perfis necessários a uma acção mais assertiva neste campo, os autores defendem a criação de um curso superior de restauro urbano integrado, cuja estrutura se poderá articular com os tradicionais perfis da formação em arquitectura, podendo originar dois novos perfis: o de arquitecto restaurador e o de arquitecto conservador urbano. As suas propostas nesta direcção estribam-se em experiências levadas a cabo noutros países europeus e no Brasil (pp. 23-26).

No que concerne ao centro histórico do Porto, são dissecadas as razões históricas (séc. XIX) que explicam o surgimento de certas feridas no tecido urbano. Se a opção pelo caminho-de-ferro determinou a construção de infra-estruturas de grande impacto, como a Ponte D. Maria Pia ou, mais tarde, a própria estação de S. Bento, a nova centralidade cristalizada pelo rasgar da Praça da Liberdade e da Avenida dos Aliados terão sido, no dizer dos autores, o catalisador de toda uma série de profundas alterações, com forte repercussão na orgânica funcional do velho centro histórico, de origem medieval. A este cenário viria somar-se a gradual conquista da cidade pelo motor de combustão interna, das cargas e descargas ao transporte colectivo (autocarros), passando pelo automóvel familiar. Destacam-se neste contexto a construção da Avenida da Ponte e do túnel da Ribeira, que no seu conjunto originaram a secundarização de alguns espaços públicos, a alteração funcional de outros e, sobretudo, um corte no primitivo tecido do núcleo histórico.

Considerando que a actual situação do centro histórico do Porto é uma das mais graves do país, são analisadas com pormenor algumas das intervenções de reabilitação do tecido urbano enquadradas em programas recentes (por exemplo, aquando do Porto 2001) ou decorrentes na actividade normal do CRUARBE. Os autores são particularmente cáusticos neste ponto, entregando-se à tarefa de enumerar sucessivos falhanços, consubstanciados em obras como o Clérigos Shopping, hoje convertido em verdadeiro cadáver urbano, a Viela do Anjo ou o Jardim da Cordoaria. Questões como a incompatibilidade provocada pelo uso de novos materiais na recuperação da arquitectura tradicional, a escolha de material inadequados para o espaço público, a subjugação do construído à vontade dos projectistas (Casa dos 24), ou as contradições do masterplan da Sociedade de Reabilitação Urbana face ao Plano Director Municipal, são igualmente alvo do escalpelo implacável de Francisco Queiroz e Margarida Portela.

De um modo geral, torna-se claro que há poucos bons exemplos a registar, na opinião dos dois autores, que no entanto mantém grandes expectativas quanto à futura actuação da SRU. Nesta linha de pensamento insere-se o estudo de caso que integra a segunda parte da obra, e com o qual pretenderam levantar alguns dos principais problemas de habitabilidade e fixação no centro histórico, para concluir da necessidade de aproveitamento dos recursos pré-existentes (percursos pedonais/actividades) no planeamento da reabilitação.

Conservação Urbana e territorial Integrada.
Reflexões sobre salvaguarda, reabilitação e gestão de Centros Históricos em Portugal

Francisco Queiroz e Ana Margarida Portela

O livro é encerrado com uma reflexão sobre as vicissitudes históricas inerentes à formação do núcleo urbano de Gaia e as singularidades que o passaram a marcar, desde o estabelecimento dos armazéns do Vinho do Porto, autêntico “cimento urbano” justificativo da actual noção de centro histórico. A atenção do leitor é aqui dirigida para a evolução das práticas de valorização e recuperação em Vila Nova de Gaia, ao mesmo tempo que são expostas algumas contradições evidentes nas políticas de intervenção seguidas por sucessivos executivos camarários. Isto não obsta, contudo, a que sejam indicadas algumas soluções para enfrentar os desafios decorrentes da candidatura a património mundial.

Tentando generalizar com base na realidade do concelho de Gaia, é também abordada a problemática da conservação de núcleos essencialmente rurais em áreas suburbanas, apontando maus exemplos e fornecendo algumas estratégias de actuação.

Representando uma reflexão bem fundamentada orientada pelos parâmetros de uma crítica interveniente, esta obra é de leitura recomendada para todos os profissionais da conservação urbana, gestores e decisores, muito embora o carácter regional dos estudos apresentados sirva mais adequadamente os objectivos de quem trabalha na área geográfica escolhida pelos autores como objecto primordial de análise.

Eduarda Moreira da Silva